



9

Quando se adapta uma obra literária para crianças e jovens, que gênero textual é adaptado?

Diógenes Buenos Aires de Carvalho*

Resumo: O presente trabalho busca responder à indagação constante no seu título, visto que pouco se sabe sobre a adaptação literária no tocante aos gêneros textuais literários que são objetos desse processo. Em vista disso, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica (CARVALHO, 2006) que possibilitou a configuração da adaptação literária como um fenômeno editorial da literatura infantil brasileira. A partir dos dados coletados, foi possível identificar os gêneros textuais inseridos no universo da narrativa literária, mais adaptados a crianças e jovens no Brasil: lenda, mito, epopeia, apólogo, tragédia, comédia, drama romântico, conto, novela e romance. Essa tipologia indicia uma diversidade de narrativas, o que propicia ao leitor em formação, via adaptação, a exposição a um leque variado de gêneros textuais, possibilitando compor um horizonte de expectativas, na acepção de Jauss (1994), bastante heterogêneo. Contudo, a ocorrência de tal variedade depende do processo de adaptação, uma vez que o adaptador pode interferir na estrutura da narrativa, alterando, por conseguinte, o gênero.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Adaptação literária. Gêneros textuais.

Résumé: Cette étude a pour but répondre à la question présente dans son titre-même, une fois qu'on connaît peu l'adaptation littéraire en ce qui concerne les genres textuels littéraires, lesquels font l'objet de ce processus. Alors, on a développé une recherche bibliographique (CARVALHO, 2006), ce que a rendu possible la configuration de l'adaptation littéraire comme un phénomène editorial de la littérature pour enfants au Brésil. En partant des données ainsi abtenues, il a été possible d'identifier les genres textuels dans l'univers de la narrative littéraire, mais adaptés aux enfants et aux jeunes du Brésil: legendes, mythes, drame romantique, nouvelle et Roman. Cette typologie, em principe, indique une diversité de narratives, ce qui permet au lecteur em formation, par la voie de l'adaptation, d'être exposé à um éventail varie de genres littéraires, ce qui rend possible la création d'un horizon d'expectatives, selon da conception de Jauss(1994), très hétérogene. Cependant, l'ocorrence de telle varieté dépend du processus de l'adaptation,

* Doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor na Universidade Estadual do Maranhão. *E-mail:* dbuenosaires@uol.com.br



une fois que l'adaptateur peut modifier la structure de la narrative, échangeant, par conséquence, le genre.

Mots-clés: Littérature pour enfants. Adaptation littéraire. Genres textuels.

1 Considerações Iniciais

A adaptação literária para leitores infanto-juvenis tem sido objeto de preocupação de poucos leitores especializados, tendo em vista o pequeno número de trabalhos publicados, os quais, em sua maioria, estão centrados na área da teoria literária, como, por exemplo, Azevedo (1999), Böhn (2004), Ceccantini (2004), Martha (2001), Vieira (1998, 2004), e dos estudos de tradução, a saber: Amorim (2000, 2006) e Rodrigues (2002). Tal fato indicia, a princípio, uma indiferença por parte dos estudiosos da literatura, sobretudo os da literatura infanto-juvenil: alguns por não considerarem a natureza literária que as adaptações possam apresentar, outros por não aceitarem qualquer tipo de alteração numa obra, “fundamentados no fato de que a obra literária é um todo indispensável, resulta do amálgama conteúdo-forma, que não pode ser decomposto em seus elementos constituintes sob pena de perderem a sua verdade ou autenticidade literária”. (COELHO, 1996, p. 10). É uma postura, *a priori*, bastante conservadora em face da perspectiva literária mais contemporânea, em que a *verdade* e a *autenticidade* são questionadas, por exemplo, a partir da noção de intertextualidade.

Esses pesquisadores ignoram, de certo modo, que a gênese da literatura infantil está centrada no processo de adaptação da tradição oral para a escrita, em que os contos folclóricos são as fontes para a produção das primeiras narrativas para crianças, ocorrendo, muitas vezes, que a modalidade escrita também é adaptada à infância, como os clássicos. É necessário adequá-los em dois níveis, o primeiro em termos de registro linguístico, do oral para o escrito, no caso dos contos, e do escrito para o escrito, no caso dos clássicos; o segundo refere-se ao conteúdo, pois não foram criados tendo como interlocutor principal a criança e sim o adulto.

O resultado é que parte do acervo da literatura infantil e juvenil considerado clássico é fruto de adaptações. Por isso, o modelo de literatura endereçado ao infante é, muitas vezes, o clássico adaptado. Isto é, as



normas literárias e sociais introjetadas no imaginário infantil são retiradas do texto literário já devidamente legitimado pela comunidade, tendo como consequência a composição do horizonte de expectativas desse leitor com base no universo canônico.

Muitos estudiosos desconsideram que o leitor infanto-juvenil brasileiro vem sendo exposto, ao longo do tempo, a um conjunto de textos adaptados que circulam, principalmente, na escola. Essa instituição se constitui, principalmente para a grande maioria da população brasileira, a única mediadora de leitura que, teoricamente, tem entre suas funções a formação de leitores literários. As obras canonizadas compõem, na maioria das vezes, o capital cultural¹ disponível para essa mediadora com vistas a atingir a meta de criar, no seu público, o gosto pela leitura literária. Um dos entraves para a concretização da aquisição desse repertório literário é o leitor-alvo que, do ponto de vista da maturidade cognitiva, linguística e intelectual, está em transição, não permitindo, muitas vezes, uma aproximação mais satisfatória do livro original.

Diante disso, a escolha de livros adaptados de autores consagrados é considerada, por muitos professores, o recurso mais eficiente para a iniciação à leitura literária. A necessidade que a escola apresenta de formar leitores, a partir da leitura de textos canônicos, indica, por um lado, a preferência por um acervo já devidamente legitimado, o que, de certo modo, não provoca nenhum questionamento desfavorável a essa prática; por outro, a adaptação é uma forma de garantir a incorporação desse repertório no horizonte de leitura de crianças e jovens.

É preciso, no entanto, compreender o processo de adaptação literária para leitores infanto-juvenis, a fim de que se possa chegar a uma posição mais consistente a respeito da validade dessa modalidade de texto. Para tanto, antes de se verificar o que dizem os teóricos e críticos sobre esse processo, é importante salientar que o estatuto da literatura infantil é composto por vários elementos, como, por exemplo, a adaptação. Um questionamento que surge diante dessa característica é se a adaptação que ocorre com textos literários adaptados para os leitores não iniciados possui os mesmos aspectos ou pressupostos da que acontece no interior

¹ Entende-se por *capital cultural* os bens simbólicos, privilegiados pela classe social dominante, constituídos daqueles conhecimentos legitimados pela escola e transferidos de geração a geração através da educação das crianças pertencentes a essa classe. (BOURDIEU, 2003).



da literatura infantil. Para se buscar alguma resposta, é necessário entender primeiramente a adaptação na condição de elemento intrínseco da literatura infantil.

Em vista disso, o presente trabalho pretende contribuir para a discussão dessa temática a partir do recorte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida por Carvalho (2006), que apresenta um panorama da adaptação literária brasileira, a partir de levantamento bibliográfico, realizado em fontes diversas (livros, revistas, jornais, catálogos impressos e digitais de bibliotecas e editoras, dicionários, acervos pessoais), no período de 1882 a 2004. Os dados do levantamento possibilitam uma exploração quantitativa e qualitativa de aspectos exteriores à adaptação, que revelam elementos importantes para a compreensão do processo, a partir das seguintes categorias: obras, autores, tipologia textual, coleções/séries/biblioteca, adaptadores e editoras.

Dentre esses diversos aspectos que os dados dessa investigação permitem trazer à tona, a tipologia textual se configura como o que proporciona a identificação dos modelos de narrativas literárias que são adaptados para compor o horizonte de expectativas, na acepção de Hans Robert Jauss (1994), do leitor em formação.

2 Em busca de adaptações literárias para leitores infanto-juvenis: percurso metodológico

Em face do grande volume de publicações para leitores infanto-juvenis que podem apresentar um caráter de adaptação, definiram-se de critérios que possibilitaram desenhar uma amostra com contornos mais homogêneos, o que permitiu vislumbrar os tipos de narrativa privilegiados nesse processo editorial, que são os seguintes:

- a) a pesquisa centrou-se em adaptações literárias destinadas ao público leitor infanto-juvenil brasileiro em que o texto-fonte tivesse sido produzido para o público leitor adulto e/ou para uma comunidade leitora de uma forma geral, ou seja, uma produção literária não direcionada exclusivamente a crianças e jovens;
- b) dentro do universo de adaptações literárias, tomou-se como foco aquelas pertencentes ao gênero narrativo, oriundas das culturas literárias brasileira e estrangeira, de registro oral ou escrito. Isso acarretou levar em consideração não só edições brasileiras, como



também estrangeiras, sendo o idioma de adaptação a Língua Portuguesa. Desse modo, não se desprezou a circulação de publicações portuguesas, por exemplo. Os diferentes tipos de registro representam uma concepção ampla de literatura, uma vez que não está limitada à produção procedente da cultura erudita, mas também da popular. Vale ressaltar, todavia, que, para a seleção dos textos oriundos do registro oral, tomou-se como critério o fato de que a primeira versão escrita não tenha sido adaptada à infância, como, por exemplo, o caso dos contos de fadas, cuja primeira versão já circulou direcionada para crianças. O recorte temporal do levantamento abrange, preferencialmente, do século XIX ao século XXI. Não se ignorou a circulação, porventura, de obras adaptadas em períodos anteriores, todavia foi a partir do século XIX que houve uma produção regular desse tipo de texto no Brasil;

c) para a identificação das adaptações buscou-se contemplar os seguintes dados bibliográficos: autor, título, adaptador, ilustrador, edição, cidade, editora, ano e coleção. Ressalta-se que a inexistência de dados relativos à ilustração, edição e coleção não foi usada como critério para eliminação;

d) diante da inexistência de indicação do nome do adaptador, levou-se em consideração a presença da palavra *adaptação* ou *reconto*, bem como a inserção da obra em coleção e/ou série composta por adaptações destinadas a crianças e jovens; a ilustração e o volume também serviram para a confirmação da edição como adaptação;

e) consideraram-se como adaptações distintas as publicações de uma mesma edição nas seguintes circunstâncias: publicadas por diferentes editoras; pela mesma editora e inseridas em coleções/séries distintas; publicadas na mesma editora com projetos gráficos diferentes. Esse critério tem como fundamentação o fato de que as referidas publicações ocorrem em contextos temporais e suportes distintos, o que implica a produção de novos efeitos de sentido para as obras, ou seja, “a obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez outro significado”. (CHARTIER, 1999, p. 71). Além disso, essa forma de diferenciação possibilita perceber o processo de circulação de uma mesma adaptação no circuito editorial brasileiro;



f) observou-se que os volumes listados apresentam, quanto à autoria, o nome do autor do texto-fonte ou o nome do adaptador. Para efeito deste levantamento, catalogou-se como autor o do texto primário;

g) os títulos apresentam três formas: o nome isolado da obra, acompanhado de um segundo nome, ou da expressão sintetizadora, como, por exemplo, *e outras histórias*; e, por último, o título indicador de antologia ou coletânea. Com relação à primeira forma, comparou-se com o original para verificar se o título fazia referência à totalidade ou à parte da obra. Na segunda, tentou-se localizar os títulos referentes à terminologia sintetizadora; se essa organização correspondia à fonte; não havendo correspondência nesse processo, procurou-se identificar a publicação primária com vistas à descrição da nova ordenação atribuída à obra e suas implicações. Na terceira, comparou-se com o texto-fonte para ver o grau de convergência. Na ausência dessa fidelidade, tentou-se localizar os títulos constantes e o formato inicial em que foram publicados, possibilitando igualmente perceber novos modos de editoração da obra literária; e h) em vista disso, consideraram-se como pertencentes ao mesmo título as adaptações cujos títulos apresentam referência total ou parcial ao original. Contabilizaram-se como títulos diferentes as adaptações enquadradas na segunda, de forma que não houvesse correspondência com a publicação primária, mesmo estando contidas num único volume. Igualmente, quantificaram-se como títulos distintos os textos presentes nas antologias e/ou coletâneas, cujo título da antologia não indicasse convergência com a produção primeira, isto é, se o autor não publicou originalmente no formato de antologia e/ou coletânea ou se a antologia tem outro nome, a nova organização não é identificada como título da obra de determinado autor, mas cada título adaptado é contado como publicação distinta.

A partir desses critérios, a pesquisa indica um conjunto de 899 (oitocentos e noventa e nove) livros, formado por 342 (trezentos e quarenta e dois) títulos² oriundos das literaturas oral e escrita. Os títulos

² Vale ressaltar que um livro pode apresentar vários títulos, visto que muitas publicações apresentam em formato de coletâneas ou antologias, agrupando textos que originalmente não foram editados juntos, compondo, assim, um novo livro.



correspondem a 38,04% do total de livros catalogados. A não uniformidade entre livros e títulos dá-se porque o mercado editorial elege vários títulos e os publicam mais de uma vez, o que significa a valorização de determinadas obras em detrimentos de outras, estabelecendo uma classificação ou hierarquização, que constitui o horizonte literário para o infante e o jovem.

3 A adaptação literária e a diversidade de narrativas

O recorte da pesquisa estabelece como foco a narrativa literária, definindo, *a priori*, uma estrutura de texto comum às obras pesquisadas, atribuindo, de certo modo, um caráter homogêneo às mesmas. Todavia, a homogeneidade fica restrita a esse momento, uma vez que o sujeito apresenta diversas formas de narrar um acontecimento, o que indica uma heterogeneidade no modo de explorar a estrutura textual, constituindo, assim, diferentes tipos de narrativa. Em vista disso, a amostra fornece um dado relevante para a compreensão do processo de adaptação literária para leitores infante-juvenis brasileiros: a tipologia textual. Para realizar a identificação dos tipos de narrativa, presentes na pesquisa, tomam-se como referência a classificação dada ao texto original ou primário, sendo constatada a presença dos seguintes tipos: lenda, mito, epopeia, apólogo, tragédia, comédia, drama romântico, conto, novela e romance.

Essa tipologia, inicialmente, indicia uma diversidade de narrativas, o que propicia ao leitor em formação, via adaptação, estar exposto a um leque variado de tipos textuais, possibilitando compor um horizonte de expectativas bastante heterogêneo. Contudo, a ocorrência de tal variedade depende do processo de adaptação, uma vez que o adaptador pode interferir na estrutura da narrativa, alterando, por conseguinte, o tipo. Isso acontece com lendas inglesas que, ao serem transportadas para a escrita, apresentam-se no formato de epopeia ou novela, e com os textos teatrais de William Shakespeare, que tomam a forma de conto.

Sob o aspecto quantitativo, essa lista de tipos compõe dois quadros: o primeiro é definido a partir da categoria *títulos* com o seguinte resultado: os romances adaptados são 146 (cento e quarenta e seis) títulos, perfazendo um percentual de 44,92% do total; os contos são 64 (sessenta e dois) e 19,69%; as lendas são 45 (quarenta e cinco) e 13,84%; as



comédias são 26 (vinte e seis) e 8%; as novelas, são 21 (vinte e uma) e 6,46%; as epopeias são 11 (onze) e 3,38%; as tragédias são 9 (nove) e 2,76%; os dramas românticos são 2 (dois) e 0,61%; e o apólogo e o mito, com 1 (um) e 0,31%, cada um, respectivamente.

O segundo quadro apresenta-se quando se considera apenas o aspecto quantitativo geral das publicações, observando-se que cada título tem várias adaptações: o romance com 428 (quatrocentos e vinte e oito) e 47,6%; o conto com 151 (cento e cinquenta e um) e 16,79%; a novela e a lenda com 73 (setenta e três) e 8,12%, cada uma; a comédia com 54 (cinquenta e quatro) e 6,12%; a epopeia com 49 (quarenta e nove) e 5,55%; a tragédia com 46 (quarenta e seis) e 5,21%; o drama com 5 (cinco) e 0,56%; o mito com 3 (três), e 0,34%; e o apólogo com 2 (dois) e 0,22%.

Nota-se, portanto, uma similaridade nos dois quadros, uma vez que o romance se constitui no tipo com o maior número de títulos e publicações. Os demais tipos estão na mesma posição, com exceção da comédia e da novela, em que a primeira apresenta a quarta posição quanto ao número de títulos e passa para o quinto lugar com a ascensão da novela quanto ao montante de publicações. Tal hierarquização aponta à ordem no projeto de formação de um horizonte de expectativas do leitor em desenvolvimento.

Os dados indicam o romance como o tipo de narrativa mais adaptado à infância e à juventude no Brasil, no período definido pela pesquisa. Contudo, a categoria *romance* não possui uma homogeneidade temática, resultando numa diversidade quanto ao tema. Pode-se dividir em duas grandes vertentes: a da aventura e a da não-aventura, nas quais são usados elementos realistas e fantasiosos. Considerando o número de títulos, há uma paridade entre as duas vertentes, mas quando se verifica o volume de publicações, a primeira apresenta um total de 300 (trezentos) publicações, um percentual de, aproximadamente, 70%, o que é significativo para a elaboração do perfil do tipo de romance adaptado. Tal vertente é constituída por romances de viagem, como, por exemplo, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, e *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, os quais são os mais adaptados; históricos, como, por exemplo, *O último dos moicanos*, de James Fenimore Cooper, e *Ivanhoé*, de Walter Scott; de capa e espada, como, por exemplo, *Os três mosqueteiros* e *Os irmãos Corsos*, de Alexandre Dumas; ficção científica, como, por exemplo, *Viagem ao centro da Terra* e *20.000 léguas submarinas*, de Julio Verne;



policial, como, por exemplo, *O chamado selvagem*, de Jack London, e *O cão dos Baskervilles*, de Arthur Conan Doyle; de terror, como, por exemplo, *Drácula*, de Bram Stoker, e *Os inocentes*, de Henry James; fantástico, como, por exemplo, *Dr. Jekyll e Sr. Hyde*, *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, e *O romance da múmia: um romance do tempo dos faraós*, de Teophile Gautier; e picaresco, como, por exemplo, *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antonio de Almeida, e *Memórias de Pickwick*, de Charles Dickens.

A vertente da não aventura é formada por romances de temática realista, como, por exemplo, *Crime e castigo*, de Fiódor M. Dostoiévski, e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert; romântica, como, por exemplo, *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, e *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë; urbana, como, por exemplo, *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, e *A viuvinha*, de José de Alencar; regionalista, como, por exemplo, *A escrava Isaura* e *o Ermitão de Muquém*, de Bernardo Guimarães; naturalista, como, por exemplo, *O cortiço*, de Aluizio de Azevedo, e *Dona Guidinha do poço*, de Manoel Paiva de Oliveira; autobiográfica, como, por exemplo, *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *O jardim das ilusões*, de Henri Alain-Fournier; pré-modernista, como, por exemplo, *Triste fim de Policarpo Quaresma e Clara dos Anjos*, de Lima Barreto; do absurdo, como, por exemplo, *A sentença* e *O processo*, de Franz Kafka; hedonista, como, por exemplo, *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde.

O conto é o segundo tipo narrativo mais adaptado para o leitor infanto-juvenil brasileiro com 64 (sessenta e quatro) e 19,69% de títulos adaptados, sendo esses títulos desdobrados em 151 (cento e cinquenta e uma) e 17,12% de publicações. A temática constante nos contos também segue as vertentes já designadas. No eixo da aventura, há os árabes, como, por exemplos, *As mil e uma noites*; policial/terror/suspense, como, por exemplo, *Os assassinatos da rua Morguet*, de Edgar Allan Poe; ficção científica, como, por exemplo, *Cinco semanas num balão*, de Julio Verne; fantástico, como, por exemplo, *A chinela turca*, de Machado de Assis, e *O crocodilo*, de Fiódor M. Dostoiévski. Já na da não-aventura, tem-se as temáticas da paixão, como, por exemplo, *Brincar com fogo*, de Machado de Assis, e *Uma paixão no deserto*, de Honoré de Balzac; da crítica social, como, por exemplo, *O nariz*, de Nicolai Gogol; filosófica, como, por exemplo, *Candido ou o otimismo*, de Voltaire; satírico, como, por exemplo, *O diário de Adão e Eva*, de Mark Twain; niilista, como, por exemplo, *O horla*, de Guy de Maupassant.



As lendas ocupam a terceira posição no quadro de tipos de narrativa tanto no item título quanto no item número de publicações. Para essa tipologia não é possível seguir as duas vertentes já desenhadas anteriormente no tocante à temática, pois se observa um predomínio do tom aventureiro. As lendas europeias, com características de capa e espada, envolvem as figuras de *Robin Hood*, *Carlos Magno* e *Rei Arthur*, as quais são as mais adaptadas, sobretudo, a de *Robin Hood*. Já as lendas brasileiras abordam o lado mítico, mas não menos aventureiro, do indígena e da natureza do Brasil, como, por exemplo, *Kuarup: a festa dos mortos: lenda dos povos indígenas do Xingu*, e *A lenda da vitória-régia*.

A novela, assim como a lenda, é igualmente marcada pela temática da aventura, podendo ser percebidos subtemas, como o picaresco, em *As aventuras do engenhoso D. Quixote de la mancha*, de Miguel de Cervantes, e *Lazarillo de Tormes*; o realismo-fantástico em *As aventuras do Barão de Munchhausen*; a viagem em *As aventuras de Marco Pólo e Hans Stadens: viagens e aventuras no Brasil*; a cavalaria em *Amadis de Gaula*; o policial em *O lobo do mar* e *O mexicano*, de Jack London.

A comédia adaptada à infância é predominantemente a de William Shakespeare, uma vez que, dos 26 (vinte e seis) títulos, 14 (quatorze) são do dramaturgo inglês, que se desdobram em 41 (quarenta e uma) das 54 (cinquenta e quatro) publicações. O processo de adaptação atinge quase todas as comédias shakespearianas, com exceção de *Trabalhos de amor perdidos* e *As alegres comadres de Windsor*, sendo as mais adaptadas *Sonho de uma noite de verão*, *A megera domada* e *A tempestade*. Além da comédia inglesa, há a de costumes francesa, com *Tartufo*, *Médico sem querer*, *O avaro*, *O burguês gentil homem* e *O doente imaginário*, de Molière; a comédia grega com *As aves* e *Lisístrata*, de Aristófanes; a de costumes brasileira com *O noviço*, de Martins Pena; e da Rússia, *O inspetor geral*, de Nicolai Gogol.

A epopeia é estruturada como texto de fundação de um povo ou nação, por meio da história e do mito, exprimindo um caráter de aventura, uma vez que apresenta a luta do homem/nação por sua identidade/origem, como se observa em *A odisseia* e *A iliada*, de Homero, que tratam do homem ocidental; *A divina comédia*, de Dante, que explora a busca do caminho da justiça social e da perfeição moral; *Os Lusíadas*, de Luis Vaz de Camões, com a fundação do mundo português; *El cid campeador*, que narra os feitos de Ruy Diaz de Vivar, o herói nacional espanhol; *A Eneida*, de Virgílio, que conta, na primeira parte, a viagem



marítima de Eneias, de Troia até o Lácio, e descreve, na segunda parte, as lutas pela conquista do Lácio e a fundação do reino latino; *O caramuru*, de Santa Rita Durão, e *O Uruguai*, de Basílio da Gama, que tentam criar um mito de fundação da terra *brasilis*; *A canção de Rolando*, que tem por núcleo narrativo o fato histórico da expedição de Carlos Magno, rei da França, contra a cidade espanhola de Saragoça, no ano de 778; *A canção dos nibelungos*, epopeia germânica, que explora a destruição do antigo reino dos borgúndios por obra de Átila, chefe da horda barbática dos hunos no ano de 437.

Por fim, tem-se o drama romântico de *Cirano de Bergerac*, de Edmondo Rostand, e *Peer Gynt: O imperador de si-mesmo*, de Henryk Ibsen; o apólogo *A linha e a agulha*, de Machado de Assis, e o mito grego de *Hércules*.

4 Considerações finais

A análise mostra um quadro variado de gêneros textuais do universo da narrativa literária que são adaptados a crianças e jovens no Brasil: lendas, apólogos, contos, novelas e romances, drama, tragédia, comédia e epopeias. Tem-se, assim, um vasto conjunto, a princípio, de diferentes modelos de narrativa literária à disposição do leitor infanto-juvenil, o que seria indicador da constituição de um horizonte de expectativa amplo e variado desse leitor em formação: contudo, é preciso verificar se as adaptações mantêm as características desses gêneros ou se se enquadram, por exemplo, na estrutura do conto de fadas ou do conto folclórico, que teria como consequência a composição de um horizonte restrito, ou a não alteração desse repertório de leitura, visto que o conto é um dos primeiros gêneros literários apresentado para a infância. Tal diversidade de gêneros textuais também pode ser um critério para a publicação das adaptações, organizadas em coleções, séries e bibliotecas, uma estratégia editorial para circular no universo do público leitor.

Diante dessas implicações, cabe ao mediador de leitura avaliar a adaptação literária selecionada tendo como contraponto o texto original ou primário para verificar se o texto adaptado propõe uma ampliação ou não dos horizontes de expectativas de crianças e jovens no tocante à diversidade de narrativas.



Referências

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol e Kim de Rudyard Kipling. São Paulo: Edunesp, 2006.

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e adaptação: fronteiras em Kim de Rudyard Kipling. Revista Iniciação Científica*, ano II, p. 570-579, 2000. Número especial.

AZEVEDO, Paulo Seben de. *Serás lido, Uruguai?: a contribuição de uma versão de O Uruguai*, de Basílio da Gama, para uma teoria da adaptação. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – PPGL/Fale/PUCRS, Porto Alegre, 1999.

BÖHM, Gabriela H. Peter Pan para crianças brasileiras: a adaptação de Monteiro Lobato para a obra de James Barrie. In: CECCANTINI, João Luis (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004. p. 58-71.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. *A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusóé no Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – PPBLetras/Faculdade de Letras/PUCRS, 2006.

CECCANTINI, João Luis C. T. A adaptação dos clássicos. In: PEREIRA, Rony Farto, BENITES, Sônia Aparecida Lopes. *À roda da leitura: língua e literatura no jornal Proleitura*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: Anep, 2004. p. 84-89.

COELHO, Nelly Novaes. O processo de adaptação literária como forma de produção de literatura infantil. *Jornal do Alfabetizador*, Porto Alegre, ano VIII, n. 44, p. 10-11, 1996.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun*. Trad. de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Edunesp; Imprensa Oficial do Estado, 1999.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria da literatura*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MARTHA, Alice A. P. Monteiro Lobato e as fábulas: adaptação brasileira. *Cuatrogatos – Revista de Literatura Infantil*. Miami, v. 7, 2001. Disponível em: <www.cuatrogatos.org/7monteiro.html>. Acesso em: 23 maio 2003.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução e adaptação: sentidos na história. *Estudos Lingüísticos*, v. 31, 2002.



VIEIRA, Adriana Silene. *Um inglês no sítio de Dona Benta*: estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – IEL, Unicamp, Campinas, 1998.

VIEIRA, Adriana Silene. *Viagens de Gulliver ao Brasil*: estudo das adaptações de Gulliver's Travels por Carlos Jansen e Monteiro Lobato. 2004. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – IEL, Unicamp, Campinas, 2004.

